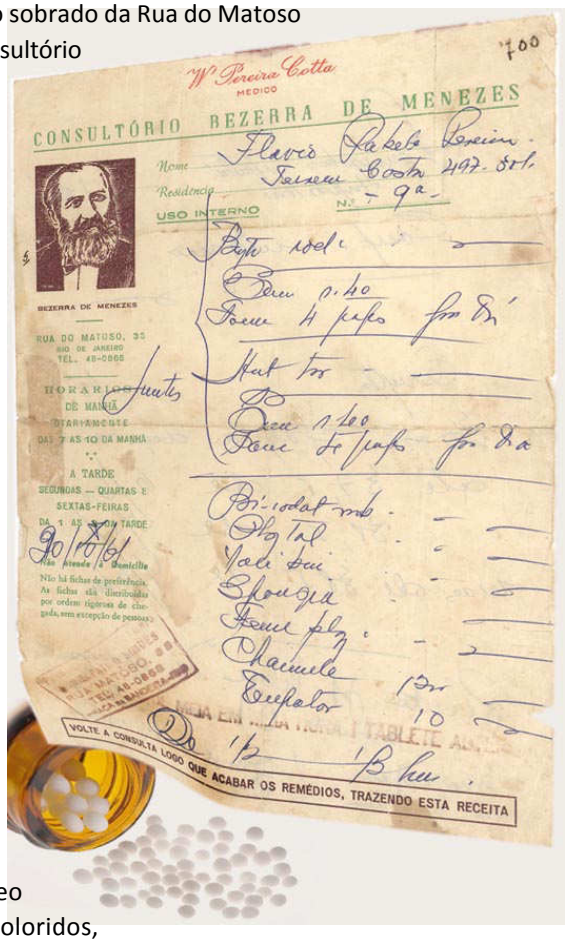
Como vai o menino?

Dos sete aos dez anos tive crises agudas de amigdalite. Febre alta, dificuldade em engolir e, consequentemente, de me alimentar; era o "quadro clínico". Em função disso, minha mãe, levava-me, com frequência, ao Dr. Cotta – um médico homeopata – que, em casos graves, abria mão da homeopatia. Lembro-me bem das ampolas de "Anginopen" e "Ozonyl", dolorosas aplicações, principalmente porque eram aplicadas em minhas nádegas, por meu pai, o qual procurava exercer com habilidade a importante tarefa delegada a ele por minha mãe.

Subíamos a imponente escada, trabalhada em madeira, no sobrado da Rua do Matoso número trinta e três, que acessava ao não menos imponente consultório do Dr. Cotta, ou seja, o Consultório Bezerra de Menezes. Lá íamos para consultas rotineiras, as de tratamento da amigdalite, acompanhado do meu "quadro clinico", devidamente anotado por minha zelosa mãe, no verso das receitas do Doutor. A medicação prescrita -"as bolinhas"- eram tomadas de duas em duas horas em vidros alternados.



Pois bem, aguardávamos a chamada do próprio Doutor: um senhor com idade avançada, baixo; cabelos brancos. Seus óculos, em lentes grossas e redondas, contornavam sua barba longa e as sobrancelhas espessas. Sereno e místico, guardando semelhança com o médium Bezerra de Menezes, cujo rosto, em desenho, destacava-se no canto esquerdo de suas receitas, iniciava a consulta sempre com a mesma indagação: **como vai o menino?**

Minha mãe lia suas anotações e**,** assim**,** estabelecia-se uma forte relação paciente-médico, nos moldes dos médicos de família, hoje tão raros. O consultório do Doutor Cotta transmitia o mesmo ar místico: mesa em madeira entalhada, impecável brilho. Atrás, uma estante guardava livros. Em meu olhar, guardava também o saber daquele médico.

Após consulta, eu, guiado pela mão de minha mãe, entrava na fila da "Farmácia Homeopática Simões", no térreo do prédio, para aviar a receita. Estandes com vários frascos coloridos, aqueles antigos, identificados com rótulos em papel branco e bordas em vermelho, continham a matéria-prima das "bolinhas", muitas prontas e outras manipuladas em função da receita, sob vigilância severa de uma balança de precisão.

O final é feliz: por ação das "bolinhas", ou por qualquer outro motivo, a partir dos dez anos, sumiram as crises de amigdalite. Somente me dei conta da importância daquelas consultas na maturidade. Além disso, muitas perguntas me fiz ao longo desse tempo, e ainda as faço, principalmente quando passo em frente ao número trinta e três da Rua do Matoso. O prédio ainda lá está, mas o Doutor Cotta por onde andará?

Cordiais Saudações!

Flavio Rabello